

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade: mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 319 p.

Estamos no capítulo primeiro de **Enigmas da Modernidade: mundo**, em que Ianni, através do que designa como “A metáfora da viagem”, nos convida a uma brilhante e madura tentativa de percorrer os processos que constituíram a sociedade contemporânea. “À medida que viaja, o viajante se desenraíza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido, que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso ou insólito, absurdo, terrificante. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e modifica. No curso da viagem há sempre alguma transformação, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa”. (p. 31). Vamos, então, ao encontro de um pensamento que viaja pelos tópicos de uma cultura globalizada, em processo de transculturação, imenso laboratório em movimento.

Ao aceitar que o mundo é um enigma — mundo que pode ser lido como um texto, uma imensa e babélica narrativa — o autor busca entender as características da nova etapa do capitalismo na qual o Brasil está hoje envolvido, de modo passivo e subalterno. O clima em que a reforma do Estado se torna a palavra de ordem (predominante em todo o mundo) é examinado no capítulo *Metamorfoses do Novo Mundo*. Eis o que afirma: “A nação transforma-se em mera província do capitalismo mundial, sem condições de realizar sua soberania e, simultaneamente, sem que os setores sociais subalternos possam almejar a construção de hegemonias alternativas...

sem esquecer que grande parte da vida política, em âmbito local, nacional, regional e mundial, é dominada ou induzida pela mídia, isto é, pelas corporações da mídia, em geral controladas por grupos e blocos de poder predominantes em escala mundial". (p. 57).

Afirma Ianni que "já não se pode mais falar em Oriente e Ocidente como antigamente" (p. 67), buscando novos ângulos de análise para esse contraponto. Reconhecendo que o mercantilismo, o colonialismo e o imperialismo desempenham papéis decisivos no desenho dos contornos e meandros do Oriente e do Ocidente, como configurações geohistóricas distintas, simultaneamente justapostas, antagônicas mas cúmplices, chega ao início do século XXI para dizer que as condições e as perspectivas de vida e de trabalho encontram-se radicalmente alteradas em todas as partes do "Oriente", desde a Indonésia ao Norte da África, desde o Oriente Médio ao Japão. Ao lado das tradições e peculiaridades socioculturais, desenvolveu-se a industrialização, a urbanização, a secularização e a individuação. "Mas esses processos adquirem significados diferentes em relação às sociedades ocidentais. Em geral, combinam-se com as tradições socioculturais de cada povo, adquirindo feição hindu, chinesa, japonesa ou árabe. É como se o Oriente, em todas suas diversidades e originalidades, já não coubesse mais no conceito que os ocidentais haviam formulado e gostariam que continuasse válido. As antigas relações de dominação, simultaneamente sociais, econômicas, políticas e culturais, já não subsistem tão facilmente. Depois de um século de guerras e revoluções, envolvendo nacionalismos,

imperialismo e globalismo, o capitalismo e o socialismo transformaram radicalmente as condições e as perspectivas dos ocidentalismos e orientalismos" (p. 84).

A contribuição do orientalismo para o ocidentalismo traduz-se na descoberta e redescoberta das relações entre sociedade, cultura e natureza. O oriental preocupa-se com o modo pelo qual o ocidental utiliza e mutila a natureza, não percebendo que, quando mutila a natureza, mutila-se a si mesmo. Percepções, emoções e pensamentos são muito diferentes da elaboração de uma explicação racional. Compreender, para o oriental, é estabelecer uma relação imediata, aberta e transparente com a vivência. Assim, "são múltiplos e intrincados, ao mesmo tempo que surpreendentes e fascinantes, os processos socioculturais que se desenvolvem pelo mundo, tanto atravessando territórios, fronteiras, mares e oceanos como mesclando culturas e civilizações, ou modos de ser, agir, sentir, pensar e imaginar". (p. 93).

No capítulo *Cidade e modernidade*, o autor revela que a grande cidade tem sido e continua a ser uma síntese excepcional da sociedade, sempre relacionada à civilização, lugar por excelência da modernidade e da pós-modernidade. Em Viena, no fim do século XIX e princípio do XX, floresceram criações da modernidade que já se revelam como as primeiras manifestações da pós-modernidade: "No mesmo lugar em que se cultiva a historicidade, cultiva-se a descontinuidade; ao lado da busca da totalidade, prolifera a fragmentação", (p. 128) com as "escolas" vienenses de psicologia (Freud), arte (Klinton) e música (Schoenberg).

berg). No contraponto modernidade e pós-modernidade, o deslocamento do centro cultural mundial de Paris para Nova York, nos primeiros anos da Guerra Fria, é a manifestação inicial de expressões características do clima que vai questionar as convicções desenvolvidas pelo Iluminismo: “Já estão em curso as inquietações, vivências e reflexões nas quais predominam a fragmentação e a descontinuidade, bem como o efêmero e o volátil ou a montagem e o simulacro”. (p. 133).

O século XVI conheceu o *príncipe*, de Maquiavel, um personagem preparado para pensar e decidir, negociar e dirigir, administrar e agir, conciliar e dividir, premiar e punir; o século XX conheceu o moderno *príncipe* de Gramsci — o partido político, um organismo, o intelectual orgânico. O fim do século XX conhece o *príncipe eletrônico*, uma entidade nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua, arquiteto da “imensa *ágora* eletrônica, na qual muitos navegam, naufragam ou flutuam, buscando salvar-se”. (p. 116). Isso vai desaguar no desencantamento e danação do mundo, na criação de mitos e mitologias, através de figuras de linguagens, dentre as quais se pode destacar a metáfora e a construção de alegorias. “Essa é uma surpreendente metamorfose. A história se transfigura em fantasia... As imagens, metáforas e alegorias, entre outras figuras que povoam as narrativas, logo transfiguram a realidade em surpresas, interrogações, dilemas ou enigmas, como artifícios destinados a captar e exorcizar o que se esconde nas fissuras, sombras, articulações, tensões, rupturas, continuidade e descontinuidades que se desenham na

realidade sociocultural”. (p. 118).

Enigmas da modernidade: mundo é uma obra instigante que, como demonstrado, nos oferece um quadro dos dilemas e dos impasses da modernidade, ao mesmo tempo que vai dissecando a polêmica questão da pós-modernidade. Como escreve no capítulo *Cidade e Modernidade*: “Seria ilusório distinguir e opor modernidade e pós-modernidade, como se se excluíssem. É verdade que essas duas categorias compreendem dois modos de vida, estilos de pensamento ou visões do mundo distintos. São polarizações muito diversas, implicando diferentes formas de apreensão do espaço e do tempo, passando por continuidade e descontinuidade, integração e fragmentação, todo e parte, presente e passado, real e virtual. Em cada uma se revelam possibilidades distintas de territorialização e desterritorialização, duração e devir, ser e sentir, pensar e agir, imaginar e fabular” (p. 133).

O *príncipe eletrônico*, “esse mundo da pós – modernidade, no entanto, está amplamente articulado em moldes sistêmicos. Ele se sustenta no ar, desenraizado, volátil, virtual e sideral, em toda uma vasta, complexa e eficaz, rede sistêmica, por meio da qual se articulam mercados e mercadorias, capitais e tecnologias, forças de trabalho e mais-valia “. (p. 160).

Estilos de pensamento: “É possível reconhecer que modernidade e pós modernidade são dois estilos de pensamento e narrativa. Envolvem duas formas distintas de conceber, pensar, simbolizar, narrar... é possível reconhecer que as narrações literárias, científicas e filosóficas construídas no espírito da

modernidade guardam algum compromisso com a representação ou *mimesis*. Ao passo que, no espírito da pós-modernidade, as narrações se soltam no âmbito dos signos, símbolos, figuras e figurações lingüísticas ou estruturais, semióticos, desconstrutivos, alheios à representação ou *mimesis*, soltos na imaginação” (p. 236).

Ainda: “É claro que alguns, ou muitos, elementos da modernidade subsistem na linguagem da pós-modernidade. A transição tende a ser contraditória, desigual, abrupta ou lenta. Além do mais, há os descompassos das gerações.

Há sempre os nostálgicos. A não-contemporaneidade continua a ser um componente dinâmico e obviamente surpreendente dos movimentos da história” (p. 239).

Assim, são fascinantes os enigmas com os quais a modernidade-mundo se desenvolve ao longo do tempo e do espaço. No conjunto, o livro traduz um diálogo múltiplo, polifônico, com o qual ele também pode tornar-se uma expressão da modernidade-mundo, conforme prefácio de Octávio Ianni.

Maria Lucia de Amorim Soares